

**Luis Nazaré**

01 de abril de 2020 às 09:20

Conta-me como foi

E à noite, aquele aperto na garganta de quem sabe que pouco sabe, aquela incerteza que nos angustia e nos traz recordações do tempo em que éramos livres e nos julgávamos seguros. Pela manhã, estávamos de novo prontos para a luta. Éramos bravos e não sabíamos.”

Lisboa, 1 de Abril de 2030

“Recordo-me bem do dia 14 de Março de 2020, um sábado em que tínhamos combinado um almoço de lampreia com família alargada e amigos. Já estávamos a viver em regime de condicionamento limitado – as aulas na universidade tinham sido interrompidas por duas semanas e muitas empresas tinham já começado a mandar os seus empregados para casa em regime de trabalho à distância, até ver. Por isso, à última hora, optámos por almoçar em casa, trazendo os tachos fumegantes do nosso restaurante habitual. Foi nesse sábado que percebemos que tudo iria mudar muito depressa. Os restaurantes do bairro estavam quase vazios (fechariam de vez na segunda-feira seguinte), a praça a um quarto do habitual e o comércio de rua às moscas. O nosso almoço foi bom e feliz, falámos do vírus, do que poderia estar para acontecer, das características adaptativas dos ciclóstomos, das estatísticas, dos efeitos económicos do coronavírus. E da vida, dos planos de trabalho, de viagens, de concertos e de livros, como se nada se alterasse. Porque, no fundo, sabíamos que todos os nossos planos estavam comprometidos.

Quatro dias mais tarde, chegou o estado de emergência e com ele o esvaziamento das ruas, o silêncio, o confinamento domiciliário. A adaptação até foi fácil porque, para a maioria de nós, o teletrabalho não tinha segredos e o abastecimento da casa se processava sem grandes dificuldades. Aprendemos a revezar-nos nas saídas, a limitar os contactos, a controlar a despensa e, sobretudo, a gerir o nosso tempo de forma eficiente, entre as horas de trabalho, as refeições em família, os contactos com os amigos e o entretenimento.

Foi um período de profunda mudança de hábitos. Uns, forçados, outros fruto da inquietação, do sentimento solidário ou da simples necessidade de preenchermos o tempo. Nunca como então trocámos tantas mensagens com os amigos, fotos, imagens,

artigos. Nunca como então os nossos telemóveis estiveram tão activos, notificações ao segundo, “Olá, como vais? E a família?”, “Cá estamos para a luta”, memes e vídeos, cenas da vida doméstica, partilhas ao vivo através da House Party, tudo aquilo que enrijece os laços de fraternidade.

Nas horas vagas, que eram muitas, consumiam-se filmes, novos e velhos, séries, novas e velhas, e repetições de jogos de futebol antigos, porque o mundo desportivo estava parado. Lembro-me com saudade do descanso que foi termos ficado livres dos painéis de briga clubística. Ao jantar, vinham as conversas sérias. Era a hora de acompanhar os últimos desenvolvimentos da malvada virose, ouvir na televisão os últimos anúncios públicos, torcer pelo abrandamento das progressões estatísticas, discutir o impacto da recessão económica, verberar os comportamentos de quem, na União Europeia, não a sentia como um espaço de solidariedade.

E à noite, aquele aperto na garganta de quem sabe que pouco sabe, aquela incerteza que nos angustia e nos traz recordações do tempo em que éramos livres e nos julgávamos seguros. Pela manhã, estávamos de novo prontos para a luta. Éramos bravos e não sabíamos.”

A figura do mês: Xi Jinping

Quaisquer que sejam as suas inconfessáveis motivações, por mais que lhe possamos assacar responsabilidades - desde o surgimento da nova estirpe viral até à ocultação dos seus impactos -, a China surge como peça central no combate à pandemia.

O Império do Meio não tem regateado esforços no apoio técnico, científico e logístico aos países mais duramente afectados pela crise Corona. As instruções do Presidente chinês são claras - auxílio massivo à Europa. Porque o seu ambicioso plano OBOR (*One Belt One Route*) será retomado e amplificado mal a economia dê os primeiros sinais de retoma. O Velho Continente é o aliado certo.

Em contramão, bloqueados na iniciativa geoestratégica pela cegueira misantrópica de Donald Trump, apanhados de surpresa num domínio em que se julgavam fortes - a saúde -, os Estados Unidos virão a lamentar, mais cedo do que tarde, o caminho que escolheram. A menos que Donald saia derrotado na próxima eleição presidencial, *America won't be great again*, como o foi no passado.

Número do mês: 2%

É a taxa tributária sobre as receitas geradas no seu território que o Reino Unido passará a aplicar, a partir de hoje, aos operadores de plataformas globais - Google, Facebook, Netflix e outros.

A ideia da "taxa Google", como veio a ficar conhecida, foi lançada pela primeira vez por David Cameron, à época primeiro-ministro britânico. Acabou por ficar na gaveta, devido a resistências da União Europeia (UE), temerosa dos seus efeitos transatlânticos e ciosa do princípio sagrado da territorialidade de sede, o que, na prática, se traduz pela fuga total aos

impostos por parte das plataformas globais através da centralização de receitas em países de baixa ou nula fiscalidade efectiva.

A situação actual é imoral e insustentável, todos concordam. A UE sabe-o e tem vindo a lançar ameaças soltas, mas escuda-se no trabalho que a OCDE tem vindo a realizar no sentido da aplicação de regras globais, as quais poderão nunca ver a luz do dia devido à previsível oposição dos Estados Unidos. O Reino Unido, na linha de França e Espanha, fartou-se de esperar. Por cá, assobia-se para o ar.

Artigo em conformidade com o antigo Acordo Ortográfico

Economista; Professor do ISEG/ULisboa